

Encontros, Despedidas e Reencontros: relação afetiva e acadêmica com o Curso de Pedagogia e a FACED

Kátia Regina Rodrigues Lima

O Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará comemora, neste ano, o jubileu de 50 anos. Para celebrar esse acontecimento, um livro de memórias da Pedagogia é organizado e eu, na condição de ex-aluna, fui convidada a contribuir com minhas reminiscências. Com esse intuito, buscarei evidenciar meus encontros, despedidas e reencontros com o referido curso e a Faculdade de Educação (FACED).

Minha biografia começa no interior do Estado do Ceará, Boa Viagem, em 1964. Não foi uma data muito auspiciosa para nascer, pois foi o ano do golpe militar no País. Parafraseando Vitor Serge, ao escrever que a assunção do nazismo foi a longa noite do século, a ditadura militar que durou 21 anos foi a noite longa para o Brasil.

Desta época, lembro-me também do conhecido "milagre econômico", pois nossa família conheceu certa bonança, comparada a épocas precedentes, pois meu pai, para utilizar uma expressão da linguagem atual, foi incluído nos mercados consumidores de eletrodomésticos e carros, de sorte que passamos a usufruir mais do lazer, embora os anos subsequentes tenham significado mais arrocho salarial e declínio do padrão de consumo.

Meu encontro com o curso de Pedagogia e a Faculdade de Educação (FACED) tem início com meu ingresso na Universidade Federal do Ceará (UFC), na década de 1980. Em 1983, era uma jovem provinciana que entrava em outro mundo – a Universidade. Diferentemente de meu futuro marido, cuja família conheceu de perto a repressão em virtude da militância política – pois, em 1983, recebeu em Fortaleza, vindo de França, o corpo de um de seus membros, Frei Tito de Alencar, vítima das atrocidades do regime militar – nossa família era “apolítica”. Gramsci escreveu que, quando chegou ao Norte era um quádruplo provinciano ao defrontar a urbanidade e a luta de classes. Meu sentimento foi o mesmo ao ingressar no curso de Pedagogia.

Ao ir à universidade, de bicicleta, sentia que estava indo para outro mundo, onde havia menos cerceamento e controle. Com a convivência nesse espaço, com as disciplinas, especialmente a Didática, o relacionamento com os professores e os debates propiciados pelo movimento estudantil, senti que não poderia mais conviver com aquele “apoliticismo”, que era preciso intervir, participar, ajudar a mudar o Brasil, quiçá o mundo. Entrei na diretoria do Centro Acadêmico Paulo Freire, como Secretária Geral na gestão LA-LE-LI-LO-**LUTA** (1986-1987), em referência à concepção de educação freireana. Viajava para encontros estaduais e nacionais do meu curso e congressos da União Nacional dos Estudantes (UNE). As viagens que fiz e os eventos dos quais participei me ajudaram a conhecer um pouco mais o Brasil e suas enormes desigualdades e desmedidas potencialidades, bem como consolidar laços afetivo-políticos com os companheiros e companheiras de movimento estudantil e de turma, como os que aparecem nesta foto.



Viagem rumo ao Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia, realizado em Cuiabá-MT, em 1985

Na universidade e no movimento estudantil, conheci a história da luta do povo vietnamita contra os EEUU; no curso de Pedagogia, tomei contato com Paulo Freire, Saviani e outros educadores que, partindo de nossa realidade, apontavam a necessidade da transformação social, do engajamento político e a dimensão política da educação. O marxismo, neste período, era o que Sartre chamou de o *horizonte* de nossa época — fato que seria obscurecido com a queda do muro de Berlim, a derrota da revolução nicaraguense e a assunção das políticas do Consenso de Washington.

A dimensão política da educação estava presente em nosso cotidiano, mas destacarei aqui passagens que, na minha evocação, se fazem mais evidentes. Começarei com o momento da reformulação curricular do curso de Pedagogia, no qual debatemos sobre a

concepção de currículo como prática coletiva e algo que expressa relações de poder, que não é neutro. O panorama da reformulação curricular é a década de 1980, na qual o movimento em torno da "formação dos educadores" refletia sobre os cursos de formação de professores, inclusive o curso de Pedagogia, numa abordagem mais crítica da educação.

A FACED, no biênio 1985-1986, foi palco de estudos e debates sobre a reformulação curricular do curso, tendo como referência as deliberações e encaminhamentos teórico-práticos do debate estadual e nacional. A proposta curricular, discutida coletivamente em assembléias, com a participação de alunos e professores, teve como idéias-força: a opção pela escola pública e gratuita pautada na ideia de educação como direito e de escola como instituição social; a formação de um educador crítico e comprometido com a transformação social; a formação do educador-professor; e a relação teoria-prática.

Há um ditado popular que diz: recordar é viver. Nesse momento, revivo o processo de reformulação curricular e faço uma leitura atualizada de quão importantes e atuais são as idéias-força que nortearam aquele processo. A ideia de educação como direito e de escola como instituição social é, mais do que atual, necessária para confrontar a ideação neoliberal de educação como serviço e mercadoria que consta na pauta da Organização Mundial do Comércio (OMC) e no ideário bancomundialista, que hegemonizam os discursos e práticas governamentais neoliberais. O entendimento de escola, seja no nível básico ou superior, como *instituição social*, é fundamental para nortear a luta para democratizar a educação, pois, como bem nos lembra Chauí, a instituição é uma prática social cujo parâmetro é a sociedade e o seu reconhecimento, diferentemente da *organização social* que tem como referência o mercado.

A formação do educador numa perspectiva de superação da ótica tecnicista de educação — que fragmenta e hierarquiza o trabalho pedagógico, separando o pensar e o fazer, o ato de decidir do de executar, expressa pela existência no currículo das habilitações técnicas — apontada pela reformulação curricular à época, ainda se faz necessária ante a formação pragmática subjacente ao paradigma das competências, pedagogia por excelência das políticas educacionais de formação de professores nos governos neoliberais pós-1990.

Imprescindível também é a compreensão da docência como base da identidade do pedagogo e da relação teoria-prática, para evitar o equívoco de uma práxis reiterativa, expressão usada pelo filósofo Sánchez Vázquez.

Outro momento significativo de meu contexto de formação no curso de Pedagogia se deu com minha participação no Programa de Capacitação de Docentes em Nível de 1º Grau para o Meio Rural, mais conhecido como PRÓ-DOCENTE RURAL, ação executada pela Pró-Reitoria de Extensão da UFC em convênio com municípios cearenses (Aquiraz, Cascavel, Pentecoste e Caucaia). Mencionado programa traduzia-se em espaço de formação de professores leigos da zona rural, mediante processo integrado de extensão, ensino e pesquisa, tendo como núcleo os diferentes saberes socio-econômicos e culturais. Tal ação contava com a participação de professores e estudantes da UFC, e docentes rurais que logravam, dentre outras coisas, concluir o 1º grau.

Na graduação, também fui iniciada na pesquisa mediante a participação como bolsista de iniciação científica no projeto *A Formação do Professor Leigo no Ceará*, sob a orientação da professora Maria Mercedes Capelo Alvíte. A preparação para a docência no nível superior foi ensejada, entre outras atividades, pelo programa de monitoria, do qual fui bolsista.

Em 1987, terminei a graduação em Pedagogia e, no ano seguinte, tive a minha primeira experiência em um colégio pertencente à rede particular de Fortaleza, numa sala de cerca de 50 alunos e salário aviltante.

Trabalhei em outra escola particular, então como alfabetizadora, experiência ímpar de acompanhamento pedagógico da apropriação/construção da leitura e da escrita, de 1989 a agosto de 1990, quando recebi proposta de trabalho para o Instituto Educacional de Alencar, carinhosamente chamado pela comunidade escolar de *Escolinha*.

Na Escolinha, ocorreu meu encontro definitivo com a educação. A organização da escola era pensada objetivando a dimensão pedagógica: salas de aula variando entre 20 e 25 alunos (até a 4ª série) e de no máximo 30 alunos (da 5ª a 8ª série). Foi pioneira na aceitação de portadores de deficiências (desde a década de 1970), integrando-os à sala de aula regular, trabalhando sua socialização e suas potencialidades. A metodologia de ensino pautava-se por uma abordagem crítica da realidade e na compreensão da importância da apropriação/construção dos conhecimentos para a leitura e intervenção nesta realidade. A prática avaliativa fugia dos padrões convencionais e classificatórios.

Em 1993, fiz concurso na rede estadual de ensino para o cargo de Orientadora de Aprendizagem no sistema de telensino, criado em 1974, tendo como usuárias as prefeituras dos municípios cearenses. O objetivo era atender as carências de professores e escolas nas regiões mais longínquas, tendo sido universalizado em 1993 pelo então governador Ciro Gomes para toda a rede estadual. Nessa modalidade de ensino, caracterizada pelo tecnicismo educacional, os orientadores de aprendizagem, de 5ª a 8ª séries, mesmo tendo uma formação específica, trabalhavam de forma polivalente. As condições laborais eram as mais adversas possíveis — polivalência, ensino pela TV, muitas vezes sem som, número reduzidíssimo de ma-

nual de apoio e caderno de atividades, baixos salários e, por último — mas não menos importante — ocorria a substituição do professor pelo recurso tecnológico. Foi após essa experiência que resolvi eleger como objeto de estudo no âmbito do mestrado o Telensino, e o discurso associado a sua universalização — a democratização do saber — e as efetivas condições de trabalho (estruturais, pedagógicas, psicológicas). Foi quando retomei meus laços afetivos e acadêmicos com a FACED e ingressei no Mestrado em Educação da UFC, em 1994. Esta investigação resultou em minha dissertação de mestrado, trabalho pioneiro sobre o sistema de telensino com enfoque mais crítico.

No final de 1994, fiz o primeiro concurso para ingresso como docente no ensino superior na área de educação. Assumi, em 1995, na Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, e fui morar na cidade de Camocim, localização de um dos *campi* dessa IES. Camocim é uma pequena cidade praiana, com 60 mil habitantes, lugar aprazível, porém, como em vários municípios do Ceará e do Nordeste, a universidade vive a tensão entre autonomia e práticas oligárquicas e clientelísticas locais.

Em anos posteriores, passei a lecionar na Universidade Regional do Cariri-URCA, que fica no sul do Ceará e integra o conjunto de instituições de ensino superior pública do âmbito estadual, na qual fui aprovada em novo concurso público. Na graduação da referida instituição, ministrei aulas nos cursos de licenciaturas e no curso de Pedagogia.

Nesse ínterim, participei da fundação e da primeira gestão do Sindicato dos Docentes da URCA-SINDURCA, seção sindical do ANDES, na condição de Secretária-Geral, fundamental instrumento de organização da consciência política, de conquista de melhores condições de trabalho (concurso público para docente e técnico-administrativo, melhoria salarial, biblioteca, política de assistência estudantil etc) e defesa da autonomia universitária.

Coordenei, após eleição direta, o curso de Pedagogia, de 2000 a 2001, quando me afastei para cursar doutorado na Universidade Federal de São Carlos-UFSCar. Na Coordenação do curso, procurei o trabalho coletivo e o diálogo como método de trabalho com estudantes e professores. Nesse período, pude sentir mais de perto os entraves causados pela burocracia, que subverte a verdadeira tendência educativa — situar o técnico-administrativo a serviço do pedagógico.

No início de 2001, fui para São Carlos, cidade universitária agradabilíssima e com boas condições de trabalho na Universidade. Foi um tempo de estudo e solidão, longe de casa e da família. Vivíamos no Brasil o final do segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, que terminaria em 2002. FHC se elegera presidente do Brasil, tendo como plataforma um plano ambicioso que não se restringia ao combate à inflação. Sob o mote de estabilidade monetária, foi implementada uma contrarreforma do Estado, que significou privatização, desregulamentação financeira, flexibilização das leis trabalhistas, tornando o País mais vulnerável às crises e dando continuidade ao projeto de Collor de Melo. Essa reforma teve sérios “rebatimentos” no campo educacional, que se tornaram objeto de investigação em meu doutoramento. Concluídos os créditos e a pesquisa de campo na UNICAMP, retornei para o Crato, onde terminei a redação da versão final da tese, defendida em 2005, intitulada *A Reforma do Estado e da Educação no Governo Fernando Henrique Cardoso: o ENEM como mecanismo de consolidação da reforma*. O trabalho investigou a reforma do Estado e da educação no governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2000) e a centralidade do Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM no contexto da política de acesso ao ensino superior, analisando sua relação com a consolidação da reforma do ensino médio e superior e o vínculo entre o discurso democratizador associado ao ENEM e a elaboração de um novo pacto social.

Em 2006, passei a residir em Fortaleza. Retornei à Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA e passei a lecionar em Sobral. Primeiramente, nos cursos de licenciaturas e depois no curso de Pedagogia.

O ano de 2007 marcou mais um reencontro com a FACED e a Universidade Federal do Ceará. Passei a integrar, como professora colaboradora da pós-graduação, a linha de pesquisa *Trabalho e Educação*. O ingresso no programa de pós-graduação possibilitou a participação em grupo de pesquisa já consolidado, a participação em bancas de mestrado e doutorado, orientações de dissertações e teses, bem como a prática da elaboração coletiva do conhecimento.

Finalizo essa viagem reflexiva por minhas memórias, parafraseando o compositor Gilberto Gil, ao exprimir a idéia de que, na fase tropicalista, a Bahia lhe deu régua e compasso. No meu caso, posso afirmar: meu caminho pelo mundo eu mesma traço, a universidade, em particular, o Curso de Pedagogia e a Faculdade de Educação, já me deram régua e compasso.

Aquele abraço!